

DISCUSSÃO DE UM FISCAL COM UMA FATEIRA

Autor: Manoel de Assis Campina

O homem quando viaja
Sempre encontra presepadas,
Sofre muito, também goza,
Pega muitas beliscadas
E encontra alguma coisa
Que dá muitas gargalhadas.

Certo dia eu viajei
Da cidade de Palmeira
Com destino ao sertão
Em Serra da Cachoeira
Vi uma grande questão
Dum fiscal com uma fateira.

Começou a discussão
Por causa de uma coleta
A fateira se zangou
Disse ao fiscal: - Pegue a reta,
Queime o chão e vá embora,
Não quero ouvir indireta!

Disse o fiscal: - Minha dona
Nós vamos ser camaradas

Olhe bem que todas vendem

Porque estão coletadas

Disse ela: - Inda mais esta,

Porque elas são tapadas!

Porém eu sou diferente

Hoje o seu imposto mingua

Sei entrar e sei sair

Pra que é que eu tenho língua?

E se quer ver bicha doida

Encalque na minha íngua!

Disse o fiscal: - Minha dona

Não interessa a questão

Me pague 15 cruzeiros

Que eu passo o seu talão

Disse a velha: - Dê o fora,

Pega a reta, queime o chão!

Onde foi que já se viu

Pagar imposto de tripa?

Hoje aqui eu brigo muito

E não pago essa “sulipa”

Posso pagar na cadeia

Depois que meter-lhe a ripa!

Eu posso pagar o chão,

Porque esse é meu dever

Porém tirar a coleta

Isto é que ninguém vai ver

Tirar da boca dos filhos

Para esse corno comer!

Porque não vai trabalhar,

Malandro da calça frouxa?

Comigo você se lasca

Não pense que eu sou trouxa

Eu zangada sou o cão

A minha brigada é roxa!

E disse: - Conversar muito

É o que o senhor deseja,

Eu não posso bater papo

Vamos deixar de peleja

Como pouco meu velho chega

Hoje aqui o pau troveja!

Nisso chegam dois soldados

E um sargento também

Dizendo: - Pague a coleta

Que a senhora se sai bem

Disse a velha: - Inda mais esta,

De onde é que vocês vêm?

O senhor não é prefeito,

É um simples policial

Também quer vir fazer fita

No meio do pessoal?

O caso aqui quem resolve
É o intendente geral!

O sargento disse: - Dona,
Seu gênio a senhora dome,
Resolva, pague a coleta
E dê ao fiscal o nome...
A velha disse: - Se dane,
Do meu suor ninguém come!

Eu não gosto de soldado
Pegue a reta e vá furando
Peço que me deixe em paz
Antes que eu vá me zangando
Ou vocês querem que eu dê
De pé na bunda, chutando?

Disse o fiscal: - Está presa
A sua mercadoria,
Vá falar com seu Argeu
Guarda da coletoria
Não posso está empalhado
Aqui nessa porcaria!

Quando ele disse assim,
A velha se engreguenou
Saltou de um lado da banca
Um mocotó agarrou
Passou-lhe no pé do ouvido

Que o fiscal inda tombou.

Aí o povo invadiu

Naquela ocasião

A fateira como doida

Com o mocotó na mão

Quando raspava de lado

Dois e três iam no chão.

Disse a fateira hoje aqui

Com essa feira eu acabo,

E botou para correr

Sujeito metido a brabo

Com o mocotó na mão

Ficou pior que o diabo.

Dois soldados e o sargento

Caíram nesse paleio

Nisso chega o velho dela

Também entrou pelo meio

Com um cacete de quina

Que já vi serviço feio.

Aí o pau falou no centro

Todas fateiras entraram

Defendendo a sua parte

De mocotó se armaram

Não ficou um banco em pé

Nessa hora reviraram.

Quando o mocotó batia
Revirava de fileira
Quatro cinco de uma vez
Era aquela brincadeira
Pois nem o diabo ia perto
Do pé de boi da fateira.

Uma fateira valente
Numa tripa deu um bote
E com a tripa na mão
Dava em gente de magote
Aonde a tripa batia
Era igualmente um chicote.

Era num dia de missa
O padre correu pra fora
Dizendo: - Minha gente, calma,
O que é isso, minha senhora?
As fateiras o agarraram
Como doidas, nessa hora.

Entraram de igreja adentro
Naquela revolução
Quebraram mesa e cadeira
Que tinha pelo salão
Vela, santo e oratório
Iam botando no chão.

Bateram no altar-mor
Derrubaram a padroeira
E o povo todo em cima
Para pegar a fateira
Da rua para a igreja
Era aquela bagaceira.

Quebraram Santa Sofia
Quebraram São Severino
Quebraram Santo Aniceto
Quebraram São Guilhermino
Quebraram Santo Agostinho
Quebraram São Marcolino.

Quebraram Santa Tereza
Quebraram Santa Isabel
Quebraram Santa Cecília
Quebraram São Gabriel
Quebraram São Bonifácio
Quebraram São Rafael.

Quebraram também São Braz
Quebraram São Ananias
São Cosme e São Damião
São Bento e São Zacarias
São Renato e São Abel
São Joaquim, São Jeremias.

Uma fateira agarrou

São Pedro e deu-lhe um sopapo

O santo correu gritando

Desta eu sei que não escapo

E a fateira gritando:

- Corra, senão eu lhe capô!

Derrubaram São Luiz

E quebraram São Benito

Derrubaram Santo Onofre

Quebraram Santo Expedito

O que foi de santa fêmea

Foi um estrago esquisito.

Santo Antônio Viajante

Já ia se escapulindo

São Miguel e São Ricardo

Ainda estavam sorrindo,

São Sebastião olhou

Inda viu o pau tinindo.

A velha meteu a mão

Por cima do oratório

São José se abaixou

E pegou e São Osório

O mocotó inda bateu

Na cara de São Gregório.

São Benedito correu

Arrodeando um coreto,

Dizendo: - Valha-me Deus,
Hoje aqui eu me derreto
Estão dando em santo branco
Quanto mais n'eu que sou preto.

Sapecaram o mocotó
Na cara de São Nicolau
São Judas Tadeu ficou
Mais mole do que mingau
E a barba de São José
Quase voava no pau.

São Jorge no seu cavalo
Saiu furando de espora
E o povo do barulho
Correu pela rua afora
E as fateiras exemplando
Todo mundo nessa hora.

Não teve quem resistisse
A luta do mocotó
Onde o pé de boi batia
Era até de fazer dó
Terminou correndo tudo
E elas ficando só.

Foi enorme o prejuízo
Nesse dia em Cachoeira
A polícia nunca mais

Quis prender uma fateira
E nem também o fiscal
Quis cobrar mais chão de feira.

Hoje tem outro prefeito
Vive tudo sossegado
A fateira ainda hoje
Vende tripa no mercado
Ali só se paga o chão
Mas ninguém é coletado.

Caçoadada com fateira
Aquele que inventar
Mande logo abrir a cova
Pra nela se enterrar
Inácio, o fiscal da feira
Na Serra da Cachoeira
Agüentou de amargar.